

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS SOLUÇÕES BORROMEANAS A PARTIR DE JAMES JOYCE

*Andréa Máris Campos Guerra**

RESUMO

Partindo do pressuposto de que Lacan teria introduzido uma nova abordagem do sintoma no final de seu ensino, valemo-nos da perspectiva dos nós borromeanos para pensar seu efeito na clínica psicanalítica. Empreendemos, para este fim, uma discussão acerca do Pai e da *Verwerfung* na obra de Lacan e, em especial, na análise lacaniana do escritor irlandês James Joyce, extraindo daí a diferença entre ter um sintoma e ser um *sinthoma*. Finalmente, apoiados na solução topológica de Joyce ao enlaçar os três registros da realidade psíquica (Real, Simbólico e Imaginário), verificamos que os estilos de solução encontrados na clínica não são universais e tratam essencialmente de conferir um lugar ao impossível gozo do Outro.

Palavras-chave: Clínica Psicanalítica; Topologia borromeana; Pico-se; Último Lacan.

* Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ com *Stage de doctorat en Rennes II*); Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); professora e pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); Psicanalista.

ABSTRACT

THE PSYCHOANALYTIC CLINIC OF JOYCE'S BORROMEAN SOLUTIONS

Assuming that Jacques Lacan would have introduced a new approach of the symptom at the end of his transmissions, we use the perspective of borromean topology to analyze its effect on psychoanalytic clinic. For this, we discuss the Father's function and the Verwerfung on the work of Lacan and, in particular, in Lacanian analysis of the Irish writer James Joyce, drawing, hence, the difference between "having a symptom" and "being a sinthome". Finally, in support of Joyce's topological solution to link the three registers of psychic reality (Real, Symbolic and Imaginary), we noticed that the styles of subjective solution found in clinical practice are not universal and deal, primarily, with giving rise to an impossible enjoyment of the Other.

Keywords: Psychoanalytic Clinic; Borromean Topology; Psychosis; Last Lacan.

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS SOLUÇÕES BORROMEANAS A PARTIR DE JAMES JOYCE

O INCONSCIENTE REAL E O LIMITE DO SENTIDO

Foi com base na perspectiva estruturalista que Lacan empreendeu sua releitura de Freud nos primeiros seminários de seu ensino. Nela, o sujeito, diferentemente da abordagem fenomenológica, só conhece os dados mediatizados pela estrutura, cuja alteridade é dada pela noção de Outro. A percepção seria organizada previamente pela estrutura. O perceptível faria sistemas e o simbólico dominaria o perceptível da realidade. A dinâmica no estruturalismo é reduzida à permutação de elementos em lugares invariáveis, ou seja, há uma estética dos lugares explorada por Lacan no primeiro tempo de seu ensino, notadamente na década de 50.

O avanço do ensino lacaniano implicará numa reinterpretação desse determinismo. Lacan questionará o real da estrutura ao discutir sua dimensão de arbitrariedade. O que a Antropologia Social estruturalista de Lévi-Strauss (1975) colocou em relevo foi o relativismo, a perspectiva de que o real poderia ser estruturado de

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

maneiras diversas, e, só então, ganhar uma estrutura irreduzível, de onde se extrai que qualquer estrutura é, antes de tudo, uma construção de leis que regem a realidade factual. Porém, para Lacan, subjaz a esse sistema de leis um real de dados imediatos que não caberia buscar decifrar. Aliás, que restaria como inacessível, indecifrável. Haveria uma espécie de matéria bruta dos fatos, sem nenhuma estrutura lógica anterior a esse sistema de ordenação estrutural. Sobre ela se construiria a elucubração do sentido, um saber. Isso teria conduzido Lacan a uma nova fenomenologia, a ordenar um real fora do sentido, prévio àquele que a estrutura confere e que, por isso mesmo, não pode ser definido.

Daí pode se extrair uma duplicidade de leituras acerca do inconsciente. Ora, ele pode ser pensado como uma elucubração freudiana de saber, ora como real fora de sentido, apreendido pelo equívoco, pelo engano. *“A base material do inconsciente como dados imediatos é o tropeço, o escorregão, o deslizamento de palavra a palavra. Aqui estamos no nível imediato a partir do qual se elucubra”* (MILLER, 2003: 23). Qualquer construção que se faça sobre esse tropeço, já seria uma tentativa de apreendê-lo, um semblante, já seria uma debilidade do mental. Debilidade que aponta para a dificuldade em se lidar com o corpo (o imaginário) e com o real. Nessa ótica, o inconsciente seria uma doença mental (LACAN, 1974-1975). Ao mesmo tempo, seria o engano, o tropeço, aquilo que permitiria a produção no mental de sentidos diferentes, de novas configurações como forma de resposta ao mal-estar produzido por essa dificuldade. Interessante aqui ressaltar que a debilidade é do mental, do humano. O *déficit* não está mais do lado da psicose, mas do lado de qualquer ser de linguagem. A solução ao embaraço colocado pelo traumatismo do real no corpo, domesticado pela linguagem, exige uma resposta singular de cada um. Será nessa vertente que as estabilizações psicóticas passarão a ser consideradas.

Esta seria uma novidade muito presente no final do ensino de Lacan que, como se vê, põe em questão o sentido e o saber. Daí ele priorizar o saber-fazer com isso (*savoir-y-faire*) mais que o saber. A

depreciação do saber como uma elucubração é correlata à discussão da topologia do nó borromeano, na medida em que, sobre ele, Lacan se absteve de fazer demonstrações e deduções lógicas. Seu esforço foi o de mostrar, a partir dos barbantes e seu enodamento, a debilidade de toda tentativa de compreensão. O nó seria o efeito real em si mesmo, e não um modelo para sua compreensão ou elucidação.

O inconsciente e o pensamento seriam tomados no nível dessa relação difícil entre o corpo e o simbólico, que Lacan nomeia de mental no último ensino. O inconsciente estaria no nível do mental, da debilidade que afeta esse mental enquanto necessidade de saber, elucubração advinda do fato de “não se saber fazer com”. Ele aparece mais como esse “não saber fazer com”, diante do qual as saídas subjetivas são sempre únicas, singulares, irreduzíveis a um padrão, como “o saber que não se sabe” freudiano (FREUD, [1912] 1976). Dito de outra forma, essas saídas não seriam normativizadas pelo Nome-do-Pai como um agenciador elementar e necessário, que alimentaria a esperança de um saber complementar, mas, antes, seriam efeito de invenções, de criações suplementares do sujeito diante do impossível veiculado pelo real.

Já na década de 60, Lacan começa a articular o Outro – como campo do significante – ao objeto *a* – como o que é próprio ao sujeito, singular, para, enfim, partir do que esse campo do Outro não recobre, o campo da não-relação, e alcançar o que escapa como singularidade no final de seu ensino. Em 1966, ele irá articular a oposição entre sujeito do significante e sujeito do gozo, instalando uma disjunção entre os dois termos essenciais à clínica. de um lado, o sujeito do significante funciona como base para uma clínica orientada pela produção do sentido, pela busca de uma verdade, desde sempre perdida na experiência traumática. de outro, o sujeito do gozo veicula um modo de satisfação e um circuito de repetição que estão além da captura de sentido pelo significante. A introdução do objeto *a* no período marca uma posição de destituição no trabalho clínico. *“A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os*

determinantes de toda a conduta do sujeito” (LACAN, [1964] 1998: 201). Com isso, exige uma clínica em ato que aposta, não apenas na redução operada pelo trabalho significante, mas também no aprendizado de uma certa maneira de lidar com esse gozo que resta inalisável. É com esse resto opaco que o sujeito deverá *savoir y faire*, como propõe Lacan na década de 70. Lá essa relação se complexifica pois ele irá falar que o significante veicula gozo, articulando de outra maneira a clínica e a psicose. Caminhemos para essa proposição.

Na topologia dos nós, não se trata mais de falta, e sim de furo. Quando se fala de falta, há a referência a lugares, como acabamos de destacar na leitura que parte do estruturalismo. A falta implica uma ausência que se inscreve em um lugar. Pode-se faltar, mas há sempre termos que venham ali se substituir. Daí a falta ser coerente com a idéia de combinatória e de permutação, de linearidade, de cadeia de significantes, de metáfora. O furo, ao contrário, comporta o desaparecimento da ordem dos lugares, da ordem da combinatória. Como no nó borromeano, o furo é posição própria ao resto, ao que resta da forma como a amarração do nó pode se escrever. Todo esse percurso evidencia um estatuto cada vez mais complexo das estruturas clínicas, da psicose e das estabilizações.

DO NOME-DO-PAI ÀS VERSÕES DO PAI: DA *VERWERFUNG* À SUPLÊNCIA BORROMEANA

Sabemos que Freud não utiliza o termo *suplência* enquanto conceito que remete às soluções subjetivas, como Lacan o faz. Ele estuda os modos de defesa ao impasse colocado pela castração na neurose, a partir da operação do recalque e seu retorno, do qual o sujeito se defende com a conversão, na histeria, com o deslocamento, na neurose obsessiva, ou com a angústia, nas neuroses de angústia; no fetichismo, a defesa implica em desmentir a castração materna, substituindo a ausência fálica pelo objeto fetiche; e, na psicose, a

defesa é tão radical que rejeita a própria representação simbólica, como se a experiência jamais tivesse existido (FREUD, [1894] 1976), o que torna o significante real. Poderíamos pensar que este seria o campo das soluções freudianas. As estabilizações, após desencadeada uma psicose, parece-nos que viriam suplenciar o que rateia nas soluções subjetivas.

Na discussão do caso Schreber, Lacan ([1955-1956] 1992) aponta, com Freud ([1911] 1976), uma reparação metafórica através do delírio na psicose, que faria às vezes da metáfora paterna que não se realizou, favorecendo a construção de uma solução assintótica sob a insígnia do “ser a mulher de Deus”. Esta seria uma primeira versão de uma operação de reparação, ainda que Lacan não a tenha tratado, em momento algum, como suplência. Ele fala de uma operação que faria, às vezes, do processo metafórico operado pelo pai. A rigor, não se trata de um complemento, nem de um suplemento, mas de um processo metafórico substitutivo que sutura o que era, à época, tomado como *déficit* na psicose, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai.

Lacan introduzirá a noção de suplência no campo da leitura das soluções subjetivas ao se colocar como questão para o *Seminário RSI* (LACAN, 1974-1975), na aula de 11/02/1975, se, quanto ao atamento do Imaginário, do Simbólico e do Real, seria preciso uma ação *suplementar*, de um toro a mais, “*aquele cuja consistência seria de referir-se à função dita do Pai*” (LACAN, 1974-1975), donde a suplência não poder ser pensada senão articulada a esse outro operador, o pai. Ele se pergunta se a conjunção dos três registros só se manteria pelos Nomes do Pai. e também se a dissociação dos três registros seria tal que só o Nome-do-Pai realizaria o nó borromeano e manteria tudo atado pelo simbólico. A função do Pai e a suplência são, portanto, associadas de maneira íntima na topologia borromeana, na medida em que dizem da invenção de um quarto termo que dá estabilidade e operacionaliza a relação com a realidade, o *sinthoma*. “*É difícil não guardar um laço minimal entre sinthoma e Nome-do-Pai mas à condição de destacar o Nome-*

do-Pai da função paterna para resguardar a ela somente a única função de nomeação.” (DEFFIEUX, 2005: 35).

Para Lacan, a invenção freudiana responsável pelo que sustenta a relação do sujeito com a realidade é o complexo de Édipo ou aquilo que dele fala da realidade psíquica. Ora, o complexo de Édipo em Freud, muitas vezes debatido por sua desatualização e inadequação cultural, fala de uma estrutura que articula a subjetividade a partir do inconsciente, fala de um dos nomes que se pode dar à defesa e à criação subjetiva na neurose, enfim, fala da solução que alguns sujeitos criam a partir do encontro traumático com o real e seu tratamento pela linguagem. Estando remetido ao complexo de castração, diz de uma defesa ao que do significante, do simbólico, não recobre o real, e também ao que de gozo resta como excedente dessa experiência. Como resultado, conforma a fantasia que enquadra a realidade, articulando o sujeito ao indizível que cai como objeto *a* e instalando uma forma de gozo, de funcionamento subjetivo, na ficção que ali se escreve. Trata-se, pois, de uma resposta que estrutura para o sujeito sua realidade. A realidade psíquica seria esse quarto termo, suplementar aos três registros, que sustentaria a amarração borromeana da realidade para Freud. “*O que ele chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama complexo de Édipo. Sem o complexo de Édipo, nada - da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real - se sustenta.*” (LACAN, 1974-1975, aula de 14/01/1975: s/p).

Se o Édipo é um dos nomes da solução subjetiva, específico da neurose, seu atravessamento não é universal, mas antes singular à vivência de cada um. É o que revela Lacan ao discutir a fobia do pequeno Hans, em seu quarto seminário público. Ali ele fala em suplência pela primeira vez. Ela aparece associada ao pai, ainda que remetida a uma espécie de compensação à carência paterna, do pai incapaz de operacionalizar a castração. Indica uma operação que vem no lugar de algo que não se realiza da forma como deveria. Há um certo ideal em torno da operacionalidade (ou falha) do pai.

A suplência no sentido de algo a mais, de quarto termo a atar os registros, de invenção, Lacan só falará cerca de vinte anos depois no caso Joyce. Com ele, Lacan testemunha a invenção de um nome próprio que revela o ponto da demissão paterna de sua função de nomeação. O suplemento que Joyce efetiva à demissão paterna forja um ego e faz *sinthoma*.

Antes de entendermos essa diferença, entretanto, é preciso retomar a noção de *Verwerfung* freudiana que, a partir de 1975, também com o caso de Joyce, ganha um novo desdobramento. A noção de suplência, plurívoca no ensino lacaniano, implica uma forma de resposta à *Verwerfung*, no que tange à psicose. Nesse sentido, poderia implicar em promover um elemento no lugar de outro, como na operação metafórica ou, por outro lado, num acréscimo, num suplemento a um furo original. Suplência, enquanto ato de suprir, implicaria em completar, substituir, fazer as vezes de, preencher a falta de. e aqui, sabemos, estamos referidos ao Nome-do-Pai, que pode ou não operar, exigindo, nesse último caso, uma reparação. Suplência, porém, quando remetida a suplemento, implica no que se adiciona, no que, somado, amplia o conjunto.

Enquanto significante, o Nome-do-Pai não significa nada, salvo se remetido à cadeia significante que, pelo valor diferencial do significante, produzirá uma significação. Ele é o que sustenta o enquadre subjetivo, o que surge no ponto em que o traço unário, primário de identificação, se apaga no inconsciente. Tem, portanto, um valor fundante e estrutural, radicado na função de linguagem que veicula.

A *Verwerfung*, no primeiro tempo do ensino lacaniano, equivale à forclusão do significante do Nome-do-Pai. No ponto em que é chamado o Nome-do-Pai, “*pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica*” (LACAN, [1957-1958] 1998: 564). Seria, pois, no acidente de registro em que se constitui a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e no fracasso da metáfora paterna que residiria a condição essencial da psi-

cose nesse tempo do ensino de Lacan. É em relação ao Nome-do-Pai, como elemento inevitável de uma referência simbólica e normativizadora, que a psicose é pensada enquanto falta, enquanto falha no simbólico. Quando o Nome-do-Pai é chamado em posição terceira em alguma relação que tenha por base o par imaginário a-a', ou seja, quando o sujeito é chamado a responder em oposição simbólica ao Nome-do-Pai e este não comparece, dá-se o desencadeamento psicótico.

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, “pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.” (LACAN, [1957-1958] 1998: 584). Em 1955-1956 (1992), a forclusão demarca um território subjetivo, uma estrutura clínica – psicose –, uma forma de composição do sujeito que carece do Nome-do-Pai como agente de organização simbólica e de articulação dos três registros. Aqui o Nome-do-Pai tem efeito significante e metafórico; e a forclusão é a operação que delimita o campo das psicoses. Lacan não fala em suplência.

Se, em relação à castração freudiana, para qualquer sujeito falta um significante último que nomeie o sexual (S de A barrado), se para todos há sempre um significante que não se inscreve na cadeia a partir do encontro com o traumático, a forclusão poderia ser pensada como pertinente a todas as estruturas, e não apenas como referida a uma falta em relação ao Nome-do-Pai nas psicoses (MILLER, 1998). Tratar-se-ia, antes, de um *furo* (trans)estrutural que de uma falta contingencial à psicose. A resposta ou a solução a esse furo traçaria o que, de singular, cada sujeito constrói para sobreviver ao encontro traumático com o real que faz inscrição no corpo.

Essa passagem aponta para um questionamento da abordagem original da noção de estrutura para a psicanálise lacaniana, tocando inevitavelmente em seu cerne, qual seja, na concepção de Pai. Exatamente, e não por acaso, ao discutir a psicose, no que nela Lacan pressupõe a ausência do Nome-do-Pai, que ele nos revelará a dimen-

são desse significante operatório. É enquanto pai morto que Lacan trata do pai em “*subversão do sujeito...*” (LACAN, [1960] 1998: 827), ratificando essa posição em *de uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*:

Com efeito, como não haveria Freud de reconhecê-la, quando a necessidade de sua reflexão o levava a ligar o aparecimento do significante do Pai, como autor da Lei, à morte, ou até mesmo ao assassinato do Pai? – assim mostrando que, se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida e à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto. (LACAN, [1957-1958] 1998: 563)

A forclusão apontaria não para a ausência do pai real, mas antes para a carência do próprio significante no lugar onde o pai, enquanto tal, deveria operar. O pai é, ao mesmo tempo, a lei do significante e um dos significantes que, no ternário simbólico, representa o Outro. É esse que não comparece na psicose. É na importância que a mãe dá à autoridade do pai, “*do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei*” (LACAN, [1957-1958] 1998: 585), do pai em seu lugar ideal, que ele se escreve. É a falência do Nome-do-Pai que, declarada, culmina no processo pelo qual o significante desatreia-se no real. O pai real, Um-pai, que é chamado no momento do desencadeamento, não se encontra reduplicado no lugar do Outro enquanto significante, dando início ao trabalho de remanejamento significativo pelo delírio, onde podemos conceber o Nome-do-Pai, nesse período do ensinamento lacaniano como “*o significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei.*” (LACAN, [1957-1958] 1998: 590).

Há, como se pode observar, uma função estrutural depreendida da incidência do Nome-do-Pai na linguagem ou no campo do Outro. Ele funda a condição de existência da linguagem para um sujeito ao se instalar no lugar da lei no campo do Outro. O Nome-do-

Pai, apresentado no singular, tem aqui uma função central de garantir a própria estrutura.

Na clássica apresentação do pai, no *Seminário 4, As Relações de Objeto*, Lacan ([1956-1957] 1995), ao se interrogar sobre o que é o pai, coloca a questão como eternamente não resolvida para os analistas(1). Ainda assim, nos convida a buscar nos textos religiosos suas pistas, apresentando ele próprio uma proposição que articula o pai nos três registros em relação ao complexo de Édipo. O pai simbólico é o Nome-do-Pai, o elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação. Em última instância, é o pai morto, como acabamos de ver. É através dele que a criança deixa a onipotência materna e se introduz na articulação da linguagem humana.

O pai real, por seu turno, não se confunde com o da fecundidade. É preciso que ele assuma verdadeiramente sua função de pai castrador, a função de pai sob sua forma concreta, empírica, quase degenerada, como a do pai mítico da horda primeva freudiana, para que o complexo de castração se instale e a função sexual viril tome seu destino. Trata-se do pai como ato. e, finalmente, quanto ao pai imaginário:

... é na medida em que o pai, tal como existe, preenche sua função imaginária naquilo que esta tem de empiricamente intolerável, e mesmo de revoltante quando ele faz sentir sua incidência como castradora, e unicamente sob esse ângulo – que o complexo de castração é vivido. (LACAN, [1956-1957] 1995: 374)

Há, pois, uma disjunção entre o pai real, que opera a castração, e o pai simbólico, o Nome-do-Pai, que simbolicamente opera a entrada do sujeito na linguagem. Assim, podemos dizer que é à medida que o pai real é investido como pai simbólico, pela mediação do pai imaginário, que sua função opera seus efeitos de subjetivação na metáfora paterna.

Com o avanço da teorização lacaniana e, sobretudo, com a construção da noção de que algo escapa a esse enquadre significante, na figura do objeto *a*, Lacan vai pluralizar os Nomes-do-Pai

(MILLER, 1992). O seminário no qual trataria dos Nomes-do-Pai (LACAN, [1963] 2005) foi interrompido em função da perda de sua função de didata e de sua ex-comunhão da Sociedade Francesa de Psicanálise.

Essa pluralização acompanha a discussão sobre as foraclusões que também ganham novas incidências(2). Além da foraclusão clássica, do significante, Lacan, em resposta a uma pergunta no seminário sobre Joyce, fala de foraclusão do sentido pelo Real, apontando que também ela pode ser plurívoca. Além disso, como veremos logo adiante, fala de uma diferença crucial entre a *Verwerfung de fato* em Joyce, e a *Verwerfung* do Nome-do-Pai em Schreber, que determina o estilo de resposta que o sujeito construirá como suplência a elas e, por conseqüência, o estilo da estabilização construída pelo sujeito.

Lacan nunca mais retomará o tema da pluralização dos Nomes-do-Pai, recusando-se mesmo a publicar a única lição desse seminário. Pela ironia, brinca com a idéia no título de seu *Séminaire XXI, Les non-dupes errent* (LACAN, 1973-1974), cuja homofonia aproxima o título literal “os não tolos erram” de “os nomes-do-pai”. Esse é o seminário que sucede o corte operado pelo *Seminário XX* ([1972-1973] 1985) com as fórmulas da sexuação e antecede o *Seminário RSI* (LACAN, 1974-1975), no qual se dedica à topologia borromeana, afirmando que os verdadeiros nomes do pai são o real, o simbólico e o imaginário, até transformá-lo em utensílio no *Séminaire XXIII, Joyce le sinthome* (LACAN, [1975] 2005).

A passagem que nos interessa localizar incide no Nome-do-Pai como significante da Lei para as versões do pai como o que nomeia, na década de 70. Ela acompanha em Lacan o aparecimento de lalíngua que, anterior à linguagem, é feita de gozo, estando disjunta da articulação débil que a linguagem opera sobre o falasser. e, também a retomada da noção de letra como litoral entre simbólico e real, marcando na carne o traumático encontro com o real que a linguagem ensaia, sem sucesso, simbolizar. Essa passagem corresponde a um deslocamento do simbólico para o que, de real, determina o sujeito, e também uma passagem da estrutura enquanto ordem causal do

sujeito para a estrutura enquanto conjuntural ao que, do tratamento do real do gozo, resta como aparato, ornamento, sempre precário, de linguagem.

Posta essa transição podemos nos perguntar: qual é a versão lacaniana do pai na década de 70? O que aí se modifica, acrescenta ou cai, na medida em que a teoria avança? Lacan introduz a questão do pai no bojo da discussão do sintoma como função de $x: f(x)$. Ele parte da premissa de que a ex-sistência do inconsciente é o suporte do sintoma.

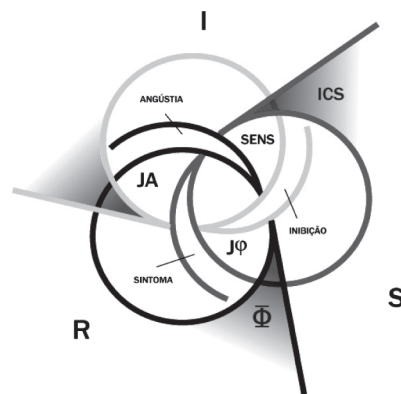


Figura 1 – Nó borromeo detalhado extraído de “A terceira”, texto de Jacques Lacan ([1975] 1986).

Isso é visível na sua apresentação do nó borromeu na figura acima, na medida em que o inconsciente se encontra no ponto oposto e externo ao que do Simbólico avança sobre o Real, compondo neste pólo oposto o avanço que localiza o sintoma.

e o que seria esse x ? “É o que, do inconsciente, pode se traduzir por uma letra na medida em que, apenas na letra, a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade”, nos diz Lacan (1974-1975: s/p) na aula de 21/01/75. O que não cessa de se escrever do sintoma

vem daí. Em outras palavras, a repetição implicada no sintoma é essa escrita de gozo.

e onde entra o pai nessa história? Um pai entra no circuito pela função de exceção que opera. É preciso que qualquer um possa ser exceção para que a função da exceção se torne modelo. Em outras palavras, é preciso que qualquer pai possa funcionar como exceção para que a exceção de um pai seja a regra. Um pai só opera por sua *père-version*(3). É preciso que o pai esteja *père*-veridamente orientado, que, portanto, tenha feito de uma mulher objeto pequeno *a* que causa seu desejo, ainda que ela se ocupe de outros objetos pequeno *a*, seus filhos, junto a quem o pai, então, intervém.

No bom caso, para manter na repressão [...] a versão que lhe é própria de sua pai-versão. Única garantia de sua função de pai; que é a função de sintoma [...]. Para isso, basta aí que ele seja um modelo da função. Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser exceção. Ele só pode ser modelo da função realizando o tipo. (LACAN, 1974-1975, aula de 21/01/75: s/p)

Podemos concluir que, para operar como o quarto elemento que sustenta toda a amarração borromeana, é preciso que o pai opere pai(*père*)-veridamente orientado. Enquanto no primeiro tempo do ensino lacaniano, o pai real era o operador da castração abrindo a possibilidade da experiência edípica escrita simbolicamente com o Nome-do-Pai na metáfora paterna, aqui o pai é a exceção que funda, para cada sujeito, uma forma de gozo. “*Como o mais-gozar provém da pai-versão, a versão ap(ai)-eritiva do gozar*” (LACAN, 1974-1975, aula de 08/04/1975: s/p). O pai será tomado, então, pelo estatuto de sintoma e se apresentará como o quarto elemento que sustenta a amarração dos três registros. Nessa dimensão, o pai são as versões do pai que os sujeitos estabelecem para escrever sua forma de gozo.

Como no *Seminário RSI* (LACAN, 1974-1975) o sintoma se situa como função da letra – a qual se define pela identidade de si a si – será a psicose que dará o modelo do núcleo real de todo sintoma.

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

A inovação ali será fazer do sintoma uma função da letra, fixando o gozo, *sem* o Outro.

É mais a construção de uma teoria generalizada do sintoma. [...] Ela é válida para a neurose e para a psicose, mas inclui a teoria da metáfora neurótica a título de teoria restrita, mediante a associação daquilo que vale para um axioma suplementar, a saber, a função do Nome-do-Pai. Esta, pensada antes como defeito na psicose, é de agora em diante situada como um acréscimo, um suplemento na neurose. (SOLER, 1993: 52)

Trata-se do fato de que uma amarração sistemática pode prender-se sem o apoio do Nome-do-Pai, valorizando a equivalência entre o *sinthoma* e o Nome-do-Pai: S = NP. Esta fórmula é um princípio cardeal da clínica borromeana. Um *sinthoma* pode assumir a função de Nome-do-Pai. Assim é que se obtém este esquema bem simples, segundo o qual o ponto de *capitonné*, tem duas formas principais, o Nome-do-Pai e o *sinthoma*, ficando entendido que o Nome-do-Pai, o próprio, não vale mais do que um *sinthoma* e é um caso distinto do *sinthoma* (MILLER, 1999).

A carência do pai é termo comum tanto à discussão clínica do caso do pequeno Hans quanto à do caso de Joyce, ainda que eles tenham posições, estruturas diferentes denotando, de saída, uma transversalidade entre os dois tempos do ensino lacaniano. Vemos também que o sintoma, em ambos os casos, aparece como o que repara um erro. Sabemos, porém, que a concepção de *sinthoma*, introduzida no *Séminaire XXIII* (LACAN, [1975] 2005), altera radicalmente a noção de sintoma presente, até então, no texto lacaniano. Qual seria, então, a especificidade do que ocorre em Joyce e permite a Lacan extrair um novo uso do pai e da *Verwerfung* quanto à noção de suplência?

O pai indigno de Joyce e suas conseqüências clínicas: ter o sintoma e ser o *sinthoma*

Se Lacan também fala de pai carente em relação a Joyce, fato é que lhe acrescenta o adjetivo “indigno”, não por acaso.

É a seu pai que ele endereça esta oração(4), seu pai que justamente se distingue por ser – bofe! – o que nós podemos chamar de um pai indigno, um pai carente, aquele que, em todo o *Ulisses*, ele se colocará a procurar sob todos os tipos nos quais ele não o encontra em nenhum nível. (LACAN, [1975-1976] 2005: 69)

Há, evidentemente, acrescenta Lacan, um pai em alguma parte, *Bloom*, que procura por um filho. Mas a ele Joyce opõe um *é muito pouco para mim*. Com o pai que teve, ele se diz escaldado, nada de pai. Como se vê, além da demissão paterna, o sujeito tem sua parte na foraclusão, ainda que isso não nos conduza direta e ingenuamente à idéia de que o sujeito escolhe a estrutura. Na realidade, como também lembra Lacan, salvo ter enviado o filho aos Jesuítas, o pai de Joyce se demissiona de sua função.

Pierre Naveau (2004) localiza o ponto em que Joyce nos fala desse episódio na narrativa de *Um retrato do artista quando jovem* (JOYCE, [1914] 1992). Ele tem seis anos quando entra no colégio. e, aos onze, seus pais são obrigados a se mudar de Dublin, pois seu pai está arruinado financeiramente. Ele descreve cenas de Stephen, seu personagem autobiográfico, acompanhando o monólogo entrecortado de suspiros que o pai enceta sobre sua infância e sua vida na cidade natal. Mas Stephen não experimentava pelo pai nenhuma compaixão. Ele sabia que seus bens haviam sido vendidos em leilão e que o pai estava implicado nessa ruína.

Stephen seguia seu caminho ao lado de seu pai. Escutando histórias já ouvidas... Ele ouvia a voz de seu pai: “Eu te falo como amigo, Stephen. Fazer gênero de pais rígidos, não é comigo. *Eu não creio que um filho deva temer seu pai*. Não, eu te trato como teu avô me tratava quando eu era menino. *Nós éramos dois irmãos, mais que pai e filho*. Eu não me esquecerei jamais a primeira vez em que ele me surpreendeu fumando. *Ele não disse uma palavra...*”. (JOYCE, [1914] 1992: 141; *grifos nossos*)

O pai de Stephen não faz caso da autoridade da palavra do pai. Ele, de fato, se demissiona de sua função. Nesta referência, testemunhamos aquilo que Lacan chamará de uma *Verwerfung* de fato, diferente da *Verwerfung* de direito que se realiza no caso de Schreber. Enquanto a *Verwerfung* de direito estaria correlacionada à escrita do significante do Nome-do-Pai no campo do Outro, a *Verwerfung* de fato diria respeito a uma fala, a um ato do pai no qual este se ausenta de sua função. O pai falta efetivamente, no sentido de que diz textualmente em um dado momento: eu me demissiono, como atesta a passagem acima.

Ora, não há pai real se um filho não teme seu pai. Entretanto, veja a fala de Bloom, o pai, na narrativa: “Eu não creio que um filho deva temer seu pai”. Ora, no que se diz também se aciona o que opera como significante, o que está em questão no Nome-do-Pai, como ele se transmite ou não. e Bloom nessa passagem também é claro, o pai não diz uma palavra sobre a interdição: “Eu não me esquecerei jamais a primeira vez em que ele me surpreendeu fumando. *Ele não disse uma palavra*”. Finalmente, pai e filho devem se relacionar como irmãos...

Em Joyce, há uma quebra entre o pai e o Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai, no caso de Joyce, mostra a *Verwerfung*, de fato, no dito do pai. Será sobre esse ponto que Joyce desejará fazer-se um nome, é sobre esse ponto que a suplência será construída. O estilo da estabilização atesta o estilo da forclusão, sendo-lhe decorrente.

O nome que lhe é próprio, é aquele que Joyce valoriza às expensas/à custa do pai. É a este nome que ele quis que fosse rendida a homenagem que ele mesmo recusou a quem quer que fosse. É nisto que podemos dizer que o nome próprio faz tudo o que pode para se fazer mais que S1. (LACAN, [1975-1976] 2005: 89)

Ele privilegia o nome em detrimento do pai. e nesse ponto há sintoma. “Joyce tem um sintoma que parte disso que seu pai era carente, radicalmente carente – ele só fala disso. [...] que é de se

desejar fazer um nome que Joyce fez a compensação da carência paterna” (LACAN, [1975-1976] 2005: 94).

Se em Hans a operação de suplência aparece de maneira pejorativa, como um remendo, em Joyce ela acena para uma invenção inédita: repercussões da mudança de estatuto do pai na teoria lacaniana. É assim que, em Hans, Lacan vai nos dizer que “*se a solução é apenas suplência, é porque ele [Hans] é, de certa forma, impotente para fazer amadurecer [...] o desenvolvimento dialético da situação*” (LACAN, [1956-1957] 1995: 378; grifos nossos). Joyce, ao contrário, funda uma nova língua, subverte a literatura e se inventa um nome. Um, não, dois! “*Que haja dois nomes que sejam próprios ao sujeito, está claro que isto foi uma invenção*” (LACAN, [1975-1976] 2005: 89). Joyce se inventa um nome, dois nomes, seja James, seja Joyce; seja Joyce, seja Dedalus. Seu desejo de ser escritor responde, segundo Lacan, à demissão do pai. Não é somente do mesmo significante que Joyce e o pai são feitos, mas da mesma matéria, testemunha Lacan na leitura de *Ulisses* (JOYCE, [1922] 1982), no qual Stephen, à procura do pai, Bloom, culmina em um Blephen (e Stoom). Para Lacan, *Ulisses* é o testemunho daquilo através do qual Joyce fica enraizado em seu pai, ainda que o renegando. É isso seu sintoma, é essa sua pai-versão.

Lacan toma essa escrita do real como sua própria invenção, *invenção lacaniana*. Ele trata essa invenção como sua resposta sintomática à descoberta freudiana do inconsciente. Ao inconsciente freudiano Lacan propõe o *sinthoma* como invenção subjetiva, como o que se escreve como real, sob a forma do nó borromeano.

Enunciar o real sob a forma dessa escrita borromeana tem valor de traumatismo. Criamos uma língua a cada instante que lhe damos um sentido, é a essa invenção que o *sinthoma* nos reporta. “*C’est le forçage d’une nouvelle écriture*” (“*É o forçamento – ou a produção forçada – de uma nova escrita*”) (LACAN, [1975-1976] 2005: 131). e se o real não é a realidade, ele é o órgão que enoda simbólico e imaginário. O real traz o elemento que pode mantê-los juntos, a saber, o *sinthoma*. Há, pois, em Joyce, invenção de um nome, cuja

matéria são os elementos dos quais dispõe: um pai indigno de sê-lo, a referência jesuítica, o conhecimento profundo da língua inglesa e sua história.

Inventar um nome conduz-nos a uma sutileza na análise da proposição lacaniana. *Ter* um sintoma é diferente de *ser* um *sinthoma*. Quando Lacan fala de Joyce como *sinthoma*, quando fala que Joyce *é sinthoma*, sua referência se modifica. Enquanto trata do desejo de Joyce de ser um artista que ocuparia todo o mundo, o maior número de pessoas possível em todo caso, fala da compensação do fato de ter um pai que jamais foi para ele um pai (LACAN, [1975-1976] 2005). Lacan se debruça exaustivamente sobre essa discussão ao longo de seu seminário sobre Joyce.

Entretanto, numa apresentação que faz no *V Simpósio Internacional James Joyce*, em Paris, antes de iniciar o seminário, que se tornou um texto intitulado *Joyce o Sintoma* (LACAN, [1975] 2005), ele diz em que Joyce *é* um sintoma. “*Se eu digo Joyce o Sintoma, é que o sintoma, o símbolo, ele o aboliu, se eu posso continuar nessa veia. Não é somente Joyce o Sintoma, é Joyce enquanto que, se eu posso dizer, desabonado (5) do inconsciente*” (LACAN, [1975] 2005: 164).

A arte de Joyce é, para Lacan, algo de tão particular, que o termo *sinthoma*, com “*th*”, é o que melhor lhe convém. Trata-se de situar o que ela tem a ver com o real do inconsciente. Joyce não sabia que ele fazia o *sinthoma*. Isso era inconsciente. e, por isso, ele era um artífice, um homem de *savoir-faire*, um artista. O *sinthoma* fala de algo que responde à realidade mesma do inconsciente (LACAN, [1975-1976] 2005). É enquanto desabonado do inconsciente, enquanto não subscrito ao inconsciente, que Lacan fala sobre Joyce *ser*, e não *ter*, um *sinthoma*.

Trata-se aqui de um sintoma desabonado, não tributário do aparato semântico que é o inconsciente, e esta é a maneira mais singular que tem o falasser de fazer com o real. Se o *abonnement* compromete o sujeito a um pagamento adiantado pela recepção de um bem (pelo qual aposta que vai obter – de modo regular, periódico e recorrente – uma recuperação do gozo), o desabono ou a não-sub-

crição, por outro lado, marca uma ruptura com tal aposta. Trata-se do sintoma em seu puro valor de uso, um uso que vai mais além de seu valor significante e de verdade, quer dizer, um uso desprendido do fantasma, desprendido do gozo extraído da ficção que o sujeito construiu para fazer existir um Outro do gozo, fabricado à sua medida.

Joyce trabalha diretamente no real da letra. Extrai seu gozo de uma experiência que não é abonada pelo (ou subscrita ao) inconsciente. Em outras palavras, deixa de gozar de seu inconsciente, desamarrando-se, por meio da pulsão de morte, de uma montagem significante que, através do S1, poderia tê-lo mantido subsumido a uma representação que o representava (DE PAOLI, 2007). Deixa, assim, reinar a pura produção de um gozo no ciframento, sendo impossível restituir-lhe o sujeito como efeito de articulação. “*Em outras palavras, o sujeito é dividido pela linguagem, como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala*” (LACAN, [1971] 1986: 24).

O neurótico faz amor com seu inconsciente, ou seja, é atraído por aquilo que pode lhe revelar algo acerca de seu próprio inconsciente. Nada no texto final de Joyce é capaz disso, e é isso que torna essa escrita tão ilegível para os neuróticos. A escrita é, para ele, o seu *sinthoma*, isto é, sua forma privilegiada de gozo, de um gozo para além de qualquer demanda ao Outro, um gozo da letra que se exerce não por meio de uma recusa à não-existência da relação sexual, mas, ao contrário, por meio de seu reconhecimento. Sua tarefa é a de bordejar este ponto de impossível, fazendo com isto subsistir a falta, o furo real. Há algo que se joga a cada palavra no texto joyceano, ele faz o texto falar (IORIO, 2007).

Podemos extrair o *savoir-y-faire* de Joyce resumido no quadro abaixo:

Joyce <i>tem</i> um sintoma	Carência do pai
Joyce <i>é</i> um <i>sinthoma</i>	Desabonado do inconsciente

UMA CONCLUSÃO TOPOLÓGICA: O PARADIGMA JOYCEANO E A CLÍNICA BORROMEANA

Finalmente, no seminário sobre Joyce, Lacan ([1975-1976] 2005) apresenta uma forma de erro e de reparação do nó de quatro inédito, o que nos permite realizar uma aproximação do nó à clínica na experiência analítica. Ele nos mostra como o *sinthoma* joyceano vem reparar um erro, um lapso do nó entre Real, Simbólico e Imaginário, no ponto mesmo em que ele se produz. Lacan parte do relato de Joyce acerca de um episódio no qual ele é surrado pelos colegas e tem o sentimento de que seu corpo se solta como uma casca, sem ter experimentado nenhum sentimento de raiva ou revolta em relação ao acontecido. Nesse deixar-se cair, Lacan nos convida a reconhecer um deslizamento do Imaginário que não se ata devido a um erro no nó. Nesse ponto em que o erro se produz, Lacan aponta o ego como *sinthoma*, como “*raboutage correcteur*” (“*aplainamento corretivo*”).

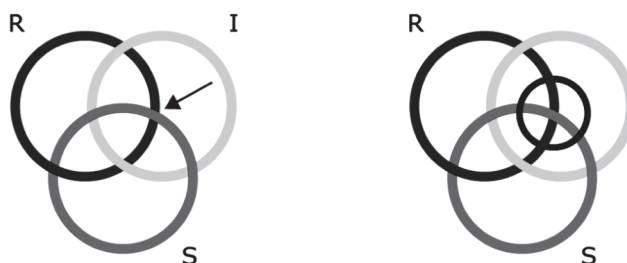


Figura 2 – Erro e suplência em James Joyce no nó borromeano (LACAN, [1975-1976] 2005)

Lacan identifica, nas epifanias, o efeito de uma escrita que sustenta o ego, o *sinthoma* joyceano, o resto, o resíduo dessa operação de reparação (tal qual o *sinthoma* resta ao final de uma análise na neurose). Assim, o ego, a escrita, a arte de Joyce, são o nome do pai do qual ele se sustenta para existir e se fazer um nome.

O *ego* designa aqui o que se constitui do artifício, da arte de Joyce, que produziu uma escrita enigmática que desfaz a língua. Constituída a partir da pura materialidade do significante enquanto ela porta e veicula um gozo inefável, o ego joyceano, sintoma puro, fora de sentido, puro gozo, se revela como puro *sinthoma*. (SKRIABINE, 2006: 60-61)

A proposta de tomar Joyce como paradigma da suplência de maneira não igual para todos, mas comum a qualquer um, é clara em Lacan, na década de 70.

O que eu proponho aqui é considerar o caso de Joyce como respondendo a uma maneira de suplenciar um desanodamento do nó. [...] A isso podemos remediar colocando ali uma argola, graças à qual o nó de trevo afirmado não se fará em flocos. (LACAN, [1975-1976] 2005: 88)

Retomando o que discutimos, Lacan ([1975] 2005) já havia introduzido a noção de *sinthoma* em Joyce em sua conferência intitulada *Joyce, o sintoma*. No *Seminário XXIII*, ele lembra de seu movimento em ser um artista que ocuparia o maior número possível de pessoas como exatamente o compensatório do fato de que seu pai jamais fora para ele um pai. Não operou a transmissão, enquanto pai real, do significante do Nome-do-Pai. A *Verwerfung* de fato da demissão paterna teria sido rearticulada pelo desejo de ser um artista que ocuparia o maior número de pessoas possível. Aqui o significante do Nome-do-Pai revela a disjunção entre a função de nomeação e a função paterna. A demissão paterna provocou um trabalho de nomeação operado pelo próprio escritor.

Assim, podemos dizer que o lapso do nó em Joyce é justamente a demissão paterna de sua função de nomeação. Enquanto, por seu turno, o *sinthoma* joyceano – a saber, a invenção de um nome próprio – e o desejo sintomático de ser artista, enfim, seu *savoir-y-faire*, saber fazer com o gozo, repara esse erro do nó, compensando uma *Verwerfung* de fato através de sua obra escrita, de sua arte.

Sua escrita tem pelo menos quatro aspectos que a tornam suplenciadora: (a) falta sentido porquanto opera pelo Real; (b) inclui o objeto *a*, não sendo somente significante; (c) e, enfim, é endereçada, busca fazer laço social, sendo dirigida a um vasto público. A ilegibilidade do texto de Joyce atesta a natureza diferenciada de seu ego, corretor da relação faltante que não enoda borromeamente real e sintoma.

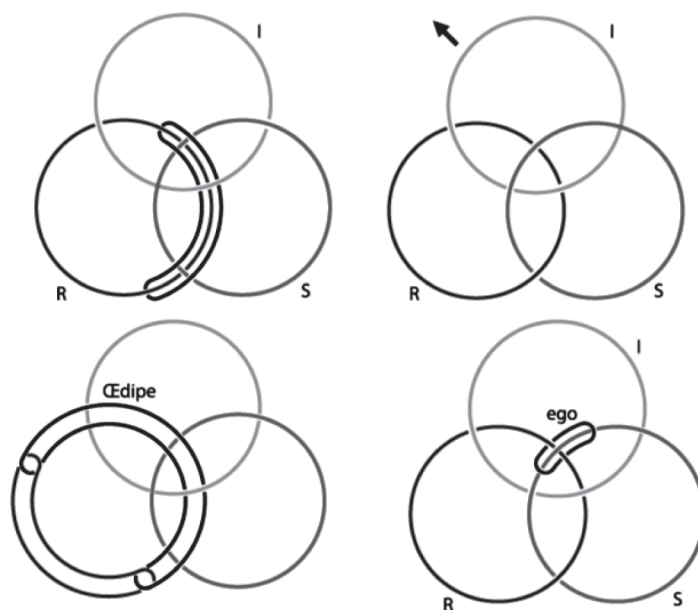


Figura 3 – Suplência borromeana pelo Édipo (coluna esquerda) e suplência joyceana pelo ego (coluna direita) (SKRIABINE, 2006: 60)

Lacan insiste sobre a importância desse quarto termo inventado por Joyce com sua escrita, pois a maneira como ele se escreve, o efeito real de amarração que provoca, suplanta (ou melhor, suplencia) um desarranjo na articulação dos três registros. Se, por algum motivo, estrutural ou contingencial, essa amarração vacila, o quarto ele-

mento pode suplenciar esse ponto, inventando um outro caminho para o sujeito. É daí que nossos recursos clínicos com a psicose podem ser favorecidos por esta abordagem topológica das soluções a partir de Joyce.

Lacan mostra topologicamente que o erro em outro ponto de cruz não geraria o mesmo efeito, nem requereria o mesmo enodamento. Além disso, uma invenção borromeana seria estruturalmente diferente de uma amarração não borromeana, e também verificamos que nem sempre se alcança o *sinthoma* num trabalho de estabilização na psicose. Tudo isso é fundamental para discutirmos a questão da clínica da psicose, seu manejo com o gozo, com a nomeação e com o *savoir-faire-avec*, no estilo das soluções singulares que orientam a direção do tratamento. O estilo da suplência como recurso de amarração seguirá, portanto, essas variações possíveis.

Assim, podemos, quanto à clínica borromeana, articular os seguintes aspectos:

(1) Não há Outro do Outro, pelo menos não há gozo desse Outro do Outro;

(2) É preciso, portanto, que se faça uma sutura, uma costura, a partir do ponto em que essa ausência se escreveria no nó, ou seja, do campo de ex-sistência em relação ao Simbólico e ao Imaginário, de acordo com a figura 1;

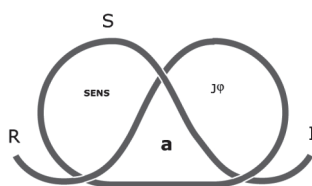


Figura 4 – Nó de trevo aberto

(3) É preciso que, em algum ponto, haja um enlaçamento entre o nó do Imaginário e o do saber inconsciente (Simbólico);

(4) Tudo isso para obter um sentido-gozo, que é o objeto da resposta do analista ao exposto pelo analisante ao longo de seu sintoma;

(5) Quando fazemos esse movimento, esse enlaçamento, ao mesmo tempo fazemos outro, entre o que é *sinthoma* (Ó) (rodela vermelha à esquerda) e o real (rodela vermelha à direita). Abaixo leia-se, da esquerda para a direita, *Sinthoma*, Inconsciente, Imaginário, Real;



Figura 5 – Nó borromeano a quatro, evidenciando a costura do *sinthoma* com o real (LACAN, [1975-1976] 2005: 54)

(6) Nesse conjunto, podemos destacar duas duplas; os registros se atariam dois a dois disjuntos, amarrados pela outra dupla que lhe é exterior, a partir do enlaçamento central entre I e S;

(7) “É enquanto que o sintoma se religa ao inconsciente e que o imaginário se liga ao real que nós temos negócio com alguma coisa da qual surgiu o *sinthoma*” (LACAN, [1975-1976] 2005: 55).

(8) O analista trabalha com o analisante como enlaçar seu sintoma e o real parasita de gozo, neste sentido, o final de análise se aproxima da solução joyceana;

(9) Tornar esse gozo possível é a mesma coisa que ouvir um sentido/gozar do sentido (*j’ouïs-sens*);

(10) É, portanto, de cortes, suturas e enlaçamentos que se trata numa análise;

(11) Além disso, Real, Simbólico e Imaginário não se confundem;

(12) Portanto, encontrar um sentido implica em saber qual é o nó e em cosê-lo corretamente graças a um artifício.

Parece-nos, portanto, ser possível dizer que:

1º) desfazer a referência unívoca ao Nome-do-Pai como elemento discriminatório entre as estruturas foi um passo dado por Lacan em seu último ensino, pluralizando os Nomes-do-Pai e sofisticando a noção de sintoma com a introdução do *sinthoma*;

2º) é possível pressupor que não é somente pelo viés do simbólico ou de uma norma edípica universal que se podem produzir soluções ao furo constituído pela ausência do significante do gozo do Outro;

3º) é importante pôr em questão a relevância das construções singulares que podem ser construídas pelos sujeitos, ainda que elas se dêem a partir das diferenças estruturais entre neurose, psicose e perversão, que não apareceram destituídas de valor ao longo do ensino lacaniano;

4º) e, enfim, é fundamental avançar no campo de investigação desse efeito do real, como campo do fora-de-sentido, junto aos enodamentos que podem advir do nó borromeano nas soluções subjetivas e na direção do tratamento junto à clínica psicanalítica na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMP. (2005). *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Gráfica Edil.
- DE PAOLI, C. (2007). Tu és teu *sinthome*. *Revista Virtual da SPID*. Disponível em <<http://www.spid.com.br>>. Acessado em: 22/08/2008.
- DEFFIEUX, J.-P. (2005). Sinthome et suppléance. *La lettre Mensuelle - École de la Cause freudienne*, n. 240, (pp.34-36). DOR, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREUD, S. (1894/1976). *As neuropsicoses de defesa*. Obras Completas, ESB, v. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1911/1976). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. Obras Completas, ESB, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

- _____. (1912/1976). *A dinâmica da transferência*. Obras Completas, ESB, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- HARARI, R. (2002). Como se chama James Joyce: a partir do Seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador: Agálma/Rio de Janeiro: Campo Matemático.
- IORIO, A. L. (2007). *Quando Eusebius e Florestan se desencontraram para sempre. Uma reflexão sobre música e psicopatologia*. Disponível em <<http://www.psicopatologiafundamental.org/>>. Acessado em: 22/08/2008.
- JOYCE, J. (1914/1992). *Um retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Siciliano.
- _____. (1922/1982). *Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LACAN, J. (1955-1956/1992). *O Seminário, livro III: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1956-1957/1995). *O Seminário, livro IV: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1957-1958/1998). de uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1960/1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e Estrutura da personalidade. In: *Escritos*. (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1963/2005). *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1964/1998). *O Seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1971/1986). *Lituraterra. Che vuoi? Psicanálise e Cultura*, n. 1, (pp.17-32).
- _____. (1972-1973/1985). *O Seminário, livro XX: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1974-1975). *Livre XXII, RSI*. Disponível em <<http://gaogoa.free.fr/>>. Acessado em: 22/08/2008.
- _____. (1975-1976/2005). *Livre XXIII, Le sinthome*. Paris: Seuil.
- _____. (1975/2005). Joyce le Symtôme. In: *Livre XXIII, Le sinthome*. (pp. 161-169). Paris: Seuil.

- _____. (1975/1986). A terceira. *Che Vuoi? Psicanálise e Cultura*, n. 0, ano 1, (pp.14-42).
- LAIA, S. (2001). *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica / FUMEC.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1975). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MILLER, J.A. (1992). *Comentario del seminario inexistente*. Buenos Aires: Manantial.
- _____. (1998). Forclusión generalizada. In: *Los signos del goce*. (pp. 367-381). Buenos Aires: Paidós.
- _____. (1999). Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon. São Paulo: Biblioteca Freudiana.
- _____. (2003). O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*, v. 35, (pp.6-24).
- NAVEAU, P. (2004). Joyce et le noeud. In: *Les psychoses et le lien social: le noeud défait*. (pp. 204-217). Paris: Anthropos.
- PORGE, e. (1998). *Os nomes do pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SKRIABINE, P. (2006). La clinique différentielle du sinthome. *Quarto-Revue de psychanalyse*, n. 86, (pp.58-64).
- SOLER, C. (1993). L'expérience énigmatique du psychotique: de Shreber à Joyce. *La Cause Freudienne*, n. 23, (pp.50-59).

NOTAS

- ¹ Sobre o pai na Psicanálise, ver (Dor, 1991); *Revista da Letra Freudiana*, do Pai: o limite em Psicanálise, n. 21, 1997; Porge (1998); e AMP (2005).
- ² Ver o esquema de Harari (2002) acerca das seis forclusões que teriam sido propostas por Lacan ao longo de seu ensino: 1. da Linguagem; 2. do ser do sujeito do inconsciente pela ciência; 3. não-inscrição da relação sexual; 4. *Abarrado* Mulher (não existe A); 5. do sentido pelo Real; 6. do sim (no “mas não isso” *sinthômico*).
- ³ *Père-version* faz homofonia com *perversion*, na língua francesa, criando uma aproximação fonética entre “versão do pai” e “perversão” do pai, o

que aponta para o uso singular que o sujeito pode fazer desse elemento conector.

- ⁴ Lacan se refere à frase do fim do livro *Um retrato do artista quando jovem*, de Joyce ([1914] 1992): “*Old father, old artificer, stand me now and ever in good stead*”.
- ⁵ Segundo Laia (2001), psicanalista responsável pela versão brasileira do *Seminário XXIII*, o termo em francês *desabonné*, que consta no texto original de Lacan, não corresponde, de fato, ao termo em português desabonado, apesar de ele adotá-lo na versão oficial em via de edição no país. Ele estaria antes referido à condição daquele que deixou de ser assinante, por exemplo, de uma revista – e, no caso de Joyce, do inconsciente, enquanto, em português, o termo desabonado se aproximaria de desacreditado, depreciado. Ainda que estejamos num campo semântico diferente do francês, para ele, “*esse outro campo não deturpa o que Lacan visa com o termo desabonné e ainda nos permite aceder a um sentido diretamente associado à loucura. Porque tanto Joyce em sua obra quanto os loucos em seus delírios mantêm, de um modo muito evidente, uma posição de descrença, de descrédito, e mesmo de depreciação, com relação à estabilidade de um sistema organizador do mundo da palavra e da realidade das coisas*” (LAIA, 2001: 162). Assim, ele justifica a adoção do termo desabonado para a língua portuguesa, que também adotaremos, feita essa ressalva quanto à sua tradução.

Recebido em: 05/08/2008

Aceito em: 22/08/2008